

Com chanchada e sem Brecht um falso "Inspetor Geral"

A tarefa mais ingrata do crítico é dizer publicamente o que a maioria das pessoas diz secretamente. A frase não é original e pode-se encontrá-la em algumas passagens de Eric Bentley, quando fazia crítica regular e contra a opinião geral desmitificou Arthur Miller e Tennessee Williams quando a crítica oficial considerava-os gênios em relação ao sucesso que alcançavam respectivamente — **Um bonde chamado desejo** — e **A Morte do Caixeiro Viajante**. As peças sobreviveram às críticas de Bentley, mas foram revistas e colocadas no seu devido plano.

Se nós tomarmos uma peça como **O Inspetor Geral** de Gogol, levada em Vitória na semana passada de 5^a, a domingo, e dirigida por Antonio Carlos Neves, vamos encontrar a desmistificação de um tema da forma pela qual o diretor e seu principal ator conceberam a peça.

O processo que nasce na comédia e chega à chanchada é um processo extremamente complexo e que modifica, de acordo como é utilizado, a própria intenção do autor.

Se tomarmos uma comédia pura como **Noite de Reis** (Twelfth night) de Shakespeare podemos sentir até um certo processo romântico pairando por toda a peça, o que leva o espectador a ter um suave encanto com as passagens divertidas sem o furor de uma comédia, muito mais agressiva como **A Megera Domada**. Na **Megera** poderíamos encontrar o ritmo hilariante da farsa como no **Inspetor Geral**, mas falta a crítica à **Megera**, para se tornar uma verdadeira farsa que sobra no **Inspetor**, a crítica ostensiva, direta, iconoclasta.



Com mais de 100 anos essa peça temido, desde a sua estréia, problemas com a censura, mas ao ver-se a apresentação de Antonio Neves, essa informação parece incompreensível, pois na sua versão não há peça mais bem comportada e que poderia passar em qualquer horário de televisão.

Corrompendo a parte mais salutar da peça que era uma crítica, não só ao czarismo, mas à corrupção das instituições

de um modo geral, o diretor transformou o **Inspetor** capixba num espetáculo grotesco sem qualquer finalidade em que não existe uma só pessoa viva, apenas caricaturas mal compostas de personagens absurdos. O prefeito é absurdo, assim como o juiz, eo chefe dos correios. As outras personagens que deveriam compor o quadro que justificaría o desmando, a corrupção e a nepotência, passam a ser

figuras estereotipadas, sem sentido, que sabe-se o que vão fazer desde o primeiro ao último momento da peça.

A falha máxima porém da peça foi a escolha de Milson Henriques para fazer o **Inspetor**. Em nenhum momento se vê o **Inspetor** em cena, apenas Milson Henriques, com suas maneiras, seus pulinhos, suas corridinhas (aliás uma constante na peça são as corridinhas de todos os atores) seus exagerados gestos de mãos, e sua incontrolável tendência para transformar qualquer cena em novela de televisão.

Se a intenção do diretor foi essa, não funcionou, pois Milson transformou toda a peça e todas as cenas em algo grotesco. E o que torna uma comédia ou uma farsa importante é exatamente o que há de sério nas suas cenas, e isso é o que mostra Molière, por exemplo em **As Preciosas Ridículas**, que se fosse levada hoje seria uma deliciosa crítica do society — a crítica que todos os que frequentam esse mesmo society fazem.

O diretor declarou que tentou fazer "uma chanchada brechtiana". Mas Brecht e chanchada não parecem ter afinidades muito flagrantes. O distanciamento brechtiano não parece ser o ideal para se representar uma farsa, pois a intenção fundamental da farsa é a identificação imediata com personagens existentes, que se encontram na rua, de que se falam nos jornais. Quanto à chanchada é caracterizada pelo descompromisso. Ora, assim sendo há uma crise de intenção em fazer uma chanchada brechtiana, quando se sabe que a base do teatro brechtiano é o compromisso. Fazer de Gogol um Brecht

parece ter sido uma tarefa ingrata, haja vista o resultado que se obteve na versão apresentada no Teatro Carlos Gomes.

A peça é inteiramente corrompida pela atuação do ator principal, Milson Henriques, que não é o Inspetor (ou o falso Inspetor), mas o próprio Milson com todos os seus equívocos sobre a arte de representar (infelizmente nesse papel não pôde apresentar nenhum dos acertos). É corrompida também pela concepção absurda do diretor que preferiu o riso fácil descompromissado, chanchadeiro e de programa tipo **Os Trapalhões**, a uma conotação política, atrevida, universal que está traçada inteiramente no original de **O Inspetor Geral**.

Os acertos dos outros personagens parecem um pouco alheios à intenção do diretor. Por exemplo, um bom desempenho é de Valéria Zucolloto que cumpre bem o seu papel, Alcione Oliveira, além de uma excelente presença não compromete. Já Alcides Vasconcelos, seguindo a marcação do diretor faz um prefeito da Praça Tiradentes, de **vaudeville**. É pena pois é um ator de inegáveis recursos. As duas jovens: Dina Alves Maria da Penha de Guarapari não comprometem enquanto Luiz Tadeu sofre as malélicas influências do diretor do papel do juiz e parece sem estímulo como o criado do falso Inspetor.

É preciso ao montar-se um clássico como **O Inspetor Geral** que as pessoas não decidam apressadamente a realização, com pontos de vista falsos, sem pesquisa rigorosa sobre o assunto, evitando em peças tão importantes, seus aspectos mais relevantes, como no caso, o político (CLAUDIO BUENO ROCHA).

BR-TBES.C.784

19